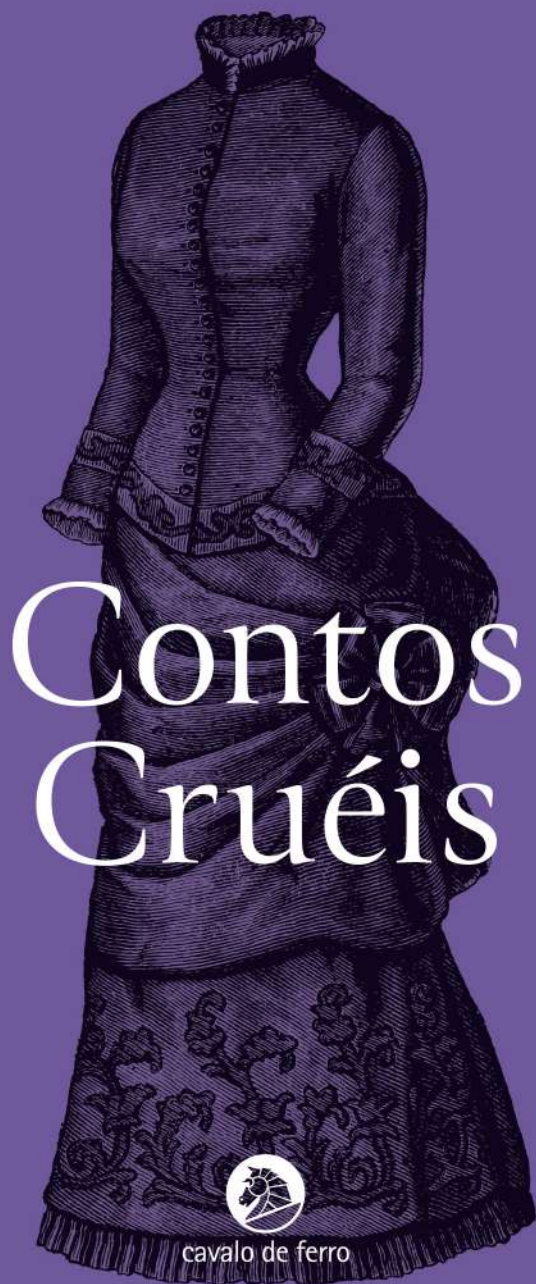


VILLIERS DE L'ISLE-ADAM



cavalo de ferro

ÍNDICE

AS MENINAS DO BIENFILÂTRE	9
VÉRA	19
VOX POPULI	31
DOIS ÁGURES	36
A AFIXAÇÃO DE CARTAZES CELESTE	51
ANTONIE	57
A MÁQUINA DE GLÓRIA S. G. D. G.	59
DUKE OF PORTLAND	76
VIRGÍNIA E PAULO	84
O CONVIVA DAS ÚLTIMAS FESTAS.....	89
DE FAZER CONFUNDIR!.....	116
IMPACIÊNCIA DA MULTIDÃO.....	120
O SEGREDO DA MÚSICA ANTIGA.....	129
SENTIMENTALISMO.....	134
O MAIS BELO JANTAR DO MUNDO	144
O DESEJO DE SER UM HOMEM	153
FLORES DE TREVAS.....	164
O APARELHO PARA A ANÁLISE QUÍMICA DO ÚLTIMO SUSPIRO.....	166
OS SALTEADORES	174
A RAINHA ISABEL.....	182
NARRATIVA SOMBRIA, NARRADOR MAIS SOMBRIO	190
O INTER-SIGNO.....	200
A DESCONHECIDA	221

MARYELLE	236
O TRATAMENTO DO DOUTOR TRISTAN.....	247
CONTO DE AMOR	253
RECORDAÇÕES OCULTAS	261
EPÍLOGO. O ANUNCIADOR.....	267

AS MENINAS DO BIENFILÂTRE

Ao Sr. Théodore de Banville.

«Luz!...»

Últimas palavras de GOETHE

Pascal diz-nos que, do ponto de vista dos factos, o Bem e o Mal são uma questão de «latitude». De facto, tal acto humano chama-se crime, aqui, boa acção, ali, e reciprocamente. — Assim, na Europa, geralmente ama-se os seus velhos pais — em certas tribos da América, são persuadidos a subir a uma árvore; depois, sacode-se essa árvore. Se caem, o dever sagrado de qualquer bom filho é, como antigamente entre os messénios, espancá-los no mesmo instante com grandes golpes de *tomahawk*, para poupá-los das preocupações da decrepitude. Se acharem força para se agarrar a algum ramo, é porque ainda são bons para a caça ou para a pesca, e então suspende-se a sua imolação. Outro exemplo: nos povos do Norte, adora-se beber vinho, torrente radiosa onde dorme o querido sol. A nossa religião nacional até nos adverte de que «o bom vinho regozija o coração». Nos vizinhos maometanos, no Sul, o feito é olhado como um grave delito. — Em Esparta, o roubo era praticado e honrado: era uma instituição hierática, um complemento indispensável à educação de qualquer lacedemónio sério. Daí, provavelmente, os Gregos¹. — Na Lapónia, o pai de

¹ Na gíria francesa, «grego» significa «trapaceiro». [N. T.]

família tem por honra que a sua filha seja o objecto de todas as amabilidades de que pode dispor o viajante admitido no seu lar. Na Bessarábia também. — No Norte da Pérsia, e entre as tribos de Cabul, que vivem em túmulos muito antigos, se, tendo recebido, nalgum sepulcro confortável, um acolhimento hospitaleiro e cordial, não estiver, ao fim de vinte e quatro horas, unha com carne com toda a progenitura do seu anfitrião, guebro, pársi ou waha-bitá, é expectável que lhe arranquem verdadeiramente a cabeça — suplício em voga nesses climas. Os actos são, portanto, indiferentes enquanto físicos: só a consciência de cada um os faz bons ou maus. O ponto misterioso que reside no fundo deste imenso mal-entendido é essa necessidade nativa onde se encontra o Homem de criar distinções e escrúpulos, de se proibir uma acção em vez de outra, conforme o vento do seu país lhe tenha soprado esta ou aquela: dir-se-ia, enfim, que a humanidade inteira se esqueceu e procura lembrar-se, às apalpadelas, de sabe-se lá que Lei perdida.

Há alguns anos, florescia, orgulho dos nossos bulevares, um vasto e luminoso café, situado quase à frente de um dos nossos teatros de costumes cujo frontão lembra o de um templo pagão. Ali se reunia quotidianamente a elite desses jovens que se distinguiram depois, seja pelo seu valor artístico, seja pela sua incapacidade, seja pela sua atitude nos dias confusos que atravessámos.

Entre estes últimos, há mesmo quem tenha tomado as rédeas do carro do Estado². Como se vê, não era de pouca monta o que se encontrava neste café de *As Mil e Uma Noites*. O burguês de Paris não falava deste pandemónio senão baixando o tom. Muitas vezes, o prefeito da cidade lançava-lhe negligentemente, como cartão-de-visita, um molho escolhido, um ramo inopinado de agentes de polícia; estes, então, troçando, com aquele ar distraído

2 A referência é concreta. Trata-se de Le Café de Madrid, em frente ao Théâtre des Variétés, frequentado, entre outros, por Villiers e Léon Gambetta. [N. T.]

e sorridente que os distingue, ali sacudiam o pó, com a ponta das suas capas, às cabeças reguilas e traquinas. Era uma atenção que, por ser delicada, não era menos sensível. No dia seguinte, já não apareciam.

Na esplanada, entre a fileira de fiacres e a montra, um relvado de mulheres, uma floração de carrapitos saídos do lápis de Guys³, ataviadas com trajos inverosímeis, refastelando-se nas cadeiras, junto de mesas de pé de galo em ferro forjado pintadas de verde-esperança. Sobre essas mesas de pé de galo entregavam-se beberagens. Os olhos puxavam ao esmerilhão e às aves de capoeira. Umas conservavam sobre os joelhos um grande ramo, outras um cãozinho, outras nada. Vocês teriam dito que esperavam por alguém.

Entre estas jovens mulheres, duas faziam-se notar pela sua assiduidade; os clientes habituais da célebre sala chamavam-lhes, simplesmente, Olympe e Henriette. Vinham depois do crepúsculo, instalavam-se numa anfractuosidade bem iluminada, reclamavam, mais por atitude do que por necessidade, um copinho de *vespètro* ou um *mazagan*, depois vigiando quem passava com um olho meticoloso.

Eram as meninas do Bienfilâtre!

Os seus pais, pessoas íntegras, educados na escola da desgraça, não tinham tido meio de lhes fazer sentir as alegrias de uma aprendizagem: o ofício deste casal austero consistia principalmente em suspender-se, a cada instante, com atitudes desesperadas, nesse longo cordelinho torcido que corresponde à fechadura de um portão. Duro ofício! E para recolher, apenas e dispersos, alguns óbolos!!! Nunca lhes tinham saído três números na lotaria! De maneira que Bienfilâtre praguejava, ao fazer, de manhã, o seu caramelinho. Olympe e Henriette, como filhas

³ Constantin Guys (1802-1892), pintor francês, retratista da vida boémia parisiense, tornado célebre por Baudelaire. [N. T.]

devotas, cedo compreenderam que era preciso intervir. Irmãs na alegria desde a mais tenra infância, consagraram o preço das suas vigílias e dos seus suores para conservar um desafogo modesto, é verdade, mas honorável, no cubículo da porteira. «Deus abençoa os nossos esforços», diziam elas, às vezes, pois haviam-lhes inculcado bons princípios, e, mais cedo ou mais tarde, uma primeira educação baseada em princípios sólidos dá os seus frutos. Quando se inquietavam em saber se os seus labores, por vezes excessivos, não lhes alteravam a saúde, elas respondiam evasivamente, com esse ar doce e embaraçado da modéstia, e baixando os olhos: «Tem as suas vantagens...»

As meninas do Bienfilâtre eram, como se costuma dizer, dessas operárias «que fazem o seu dia de noite». Realizavam, tão dignamente quanto possível (considerando certos preconceitos do mundo), uma tarefa ingrata, muitas vezes penosa. Não eram dessas ociosas que proscvem como desonroso o santo calo do trabalho, e não coravam. Citavam-se-lhes muitos belos ditos com os quais as cinzas de Montyon teriam estremecido no seu belo cenotáfio⁴. — Uma noite, entre outras, tinham rivalizado por emulação e tinham-se elas próprias esmerado para saldar a sepultura de um velho tio, o qual, no entanto, não lhes legara senão a recordação de variados tabefes, cuja distribuição não há muito tivera lugar, nos dias da sua infância. De maneira que eram vistas com bons olhos por todos os clientes habituais da estimada sala, entre os quais se encontrava gente que não transigia. Um sinal amigável, um boa-noite com a mão respondiam sempre aos seus olhares e sorrisos. Nunca ninguém lhes dirigira uma exprobração ou uma queixa. Todos reconheciam que o seu comércio era doce,

4 Jean-Baptiste de Montyon (1733-1820) foi um filantropo e economista que deixou em testamento a criação de três prémios, entre eles um destinado a galardoar a virtude. Trata-se de uma ironia de Villiers: o cenotáfio, sendo um monumento erigido a um morto que está sepultado noutra lado, não pode conter as suas cinzas. [N. T.]

afável. Em suma, elas não deviam nada a ninguém, honravam todos os seus compromissos e podiam, por consequência, andar de cabeça erguida. Exemplares, punham de parte para um imprevisto, para «quando os tempos forem duros», para um dia se retirarem dos negócios honradamente. — Metódicas, fechavam ao domingo. Como meninas bem-comportadas, não prestavam atenção aos falatórios dos jovens peraltas, que só prestam para desviar as raparigas da via rígida do dever e do trabalho. Pensavam que nos dias de hoje, no amor, apenas a Lua era gratuita. A sua divisa era: «Celeridade, Segurança, Discrição»; e, nos seus cartões-de-visita, juntavam: «Especialidades.»

Um dia, a mais nova, Olympe, deu-se mal. Até então irreprochável, essa desgraçada menina deu ouvidos às tentações às quais a expunha, mais do que às outras (que talvez a tenham censurado demasiado depressa), o meio onde o seu estado a constrangia a viver. Em suma, cometeu um erro — amou.

Foi o seu primeiro erro; mas quem então sondou o abismo para onde nos pode arrastar um primeiro erro? Um jovem estudante, cândido, bonito, dotado de uma alma de artista e apaixonada, mas pobre como Job, chamado Maxime, de quem omitimos o nome de família, disse-lhe ternuras e destruiu-a.

Ele inspirou a paixão celeste a essa pobre criança, que, considerando a sua posição, não tinha mais direito de senti-la do que Eva para comer o fruto divino da Árvore da Vida. Desde esse dia, todos os seus deveres foram esquecidos. Tudo andou sem ordem e em debandada. Quando uma rapariguinha tem o amor na cabeça, vai para o diabo que te carregue!

E a sua irmã, ai! essa nobre Henriette, que agora, como se costuma dizer, se submetia ao fardo! Por vezes, prendia a cabeça entre as mãos, duvidando de tudo, da família, dos princípios, da própria Sociedade! «São só palavras!», gritava ela. Um dia, encontrara Olympe com um vestidinho preto, de cabelos descobertos,

e uma tigelinha de lata na mão. Henriette, ao passar, sem dar mostras de que a reconhecia, tinha-lhe dito baixinho: «Minha irmã, a sua conduta é inqualificável! Respeite, ao menos, as aparências!»

Com estas palavras, talvez esperasse um retorno em direcção ao bem.

Foi tudo inútil. Henriette sentiu que Olympe estava perdida; corou e seguiu.

O facto é que se tinha papagueado na sala honrosa. À noite, quando Henriette chegava sozinha, o acolhimento já não era o mesmo. Há solidariedades. Ela apercebia-se de certas *nuances* humilhantes. Mostravam-lhe mais frieza depois da notícia da malversação de Olympe. Orgulhosa, sorria como o jovem esparciata a quem uma raposa dilacera o peito, mas, no seu coração sensível e honesto, todos estes golpes acertavam no alvo. Para a verdadeira delicadeza, um nada faz muitas vezes pior do que o ultraje grosseiro, e, neste ponto, Henriette era de uma sensibilidade de sensitiva. Como deve ter sofrido!

E então à noite, ao cear com a família! O pai e a mãe comiam em silêncio, baixando a cabeça. Não se falava da ausente. Na sobremesa, na altura do licor, Henriette e a mãe, depois de se lançarem um olhar às escondidas e de secarem as respectivas lágrimas, davam um mudo aperto de mão sob a mesa. E o velho porteiro, desconsolado, puxava então o cordão para abrir a porta, sem motivo, para dissimular o choro. Por vezes, bruscamente e virando a cabeça, levava a mão à botoeira como para lhe arrançar vagas condecorações.

Uma vez, o porteiro até tentou recuperar a filha. Abatido, esforçou-se por subir os poucos andares do rapaz. Aí: «Quero a minha pobre filha!», soluçou ele. «Senhor», respondeu Maxime, «eu amo-a, e peço-lhe que me conceda a sua mão.» «Miserável!», exclamou Bienfilâtre, a fugir, revoltado com aquele «cinismo».

Henriette esvaziara o cálice. Era necessária uma última tentativa; resignou-se então a arriscar tudo, até o escândalo. Uma noite, soube que a deplorável Olympe devia ir ao café saldar uma dividazinha antiga: preveniu a família, e dirigiram-se ao café luminoso.

Semelhante à Malónia desonrada por Tibério e apresentando-se diante do Senado Romano para acusar o seu violador, antes de se apunhalar em desespero, Henriette entrou na sala dos austeros. O pai e a mãe, por dignidade, ficaram à porta. Tomava-se o café. À vista de Henriette, as fisionomias agravaram-se com uma certa severidade; mas como se aperceberam de que ela queria falar, as longas plaquetas dos jornais baixaram-se sobre as mesas de mármore e fez-se um silêncio religioso: tratava-se de julgar.

Distinguia-se, num canto, envergonhada e fazendo-se quase invisível, Olympe e o seu vestidinho preto, numa mesinha isolada.

Henriette falou. Durante o seu discurso, entreviam-se, através da montra, os Bienfilâtre inquietos, que olhavam sem ouvir. No fim, o pai não se pôde conter; entreabriu a porta, e, debruçado, de ouvido à escuta, a mão sobre o botão da fechadura, escutava.

Fragmentos de frases chegavam-lhe quando Henriette levantava um pouco a voz: «Há deveres para com os seus semelhantes!... Uma tal conduta... Era virar as costas a todas as pessoas sérias... Um galopim que não lhe dá um tostão!... Um malandro!...» O ostracismo que pesava sobre ela... Abandonar a sua responsabilidade... Uma rapariga que tinha arrostado a opinião pública!... que se embasbacava a olhar para o ar... que, ainda não há muito... andava no galarim... Esperava que a voz destes senhores, mais autorizada do que a sua, que os conselhos da sua velha experiência esclarecida... a reconduzissem a ideias mais sadias e práticas... Não se está neste mundo para se divertir!... Suplicava-lhes que se intromettessem... Fizera apelo às recordações de infância!...

à voz do sangue! Tudo fora em vão... Já nada vibrava nela. Uma rapariga perdida! «E que aberração!... Ai!»

Nesse momento, o pai entrou, curvado, na sala honrada. À vista da desgraça imerecida, toda a gente se levantou. Há certas dores que não se procura consolar. Todos vieram, em silêncio, apertar a mão do digno velhote, para lhe testemunhar, discretamente, que partilhavam o seu infortúnio.

Olympe retirou-se, envergonhada e pálida. Hesitara um instante, sentindo-se culpada, em lançar-se nos braços da família e da amizade, sempre abertos ao arrependimento. Mas a paixão apoderara-se dela. Um primeiro amor estabelece no coração raízes profundas, que suprimem até aos germes os sentimentos inferiores.

Todavia, o escândalo tivera, no organismo de Olympe, uma repercussão fatal. A sua consciência, atormentada, revoltava-se. A febre tomou-a no dia seguinte. Ficou de cama. *Morria de vergonha*, literalmente. A moral matava o físico: a espada gastava a bainha.

Deitada no seu cubiculozinho, e sentindo as aproximações da morte, apelou. Boas almas vizinhas trouxeram-lhe um ministro do céu. Uma de entre elas emitiu essa nota de que Olympe estava fraca e precisava de tomar *fortificantes*. Uma criada para todo o serviço levou-lhe então para cima uma sopa.

O padre apareceu.

O velho eclesiástico esforçou-se por acalmá-la através de palavras de paz, olvido e misericórdia.

— Tive um amante!... — murmurava Olympe, confessando assim a sua desonra.

Omitia todos os pecadilhos, os murmúrios, as impaciências da sua vida. Apenas isso lhe vinha ao espírito: era a obsessão. «Um amante! Por prazer! Sem ganhar nada!» Aí estava o crime.

Não queria atenuar a falta falando da sua vida anterior, até aí sempre pura e toda abnegação. Sentia bem que aí era irreprovável.

Mas esta vergonha, em que sucumbia, de ter fielmente guardado o amor para um rapaz sem posição e que, segundo a expressão exacta e vingadora da irmã, não lhe dava um tostão! Henriette, que nunca falhara, aparecia-lhe como uma glória. Sentia-se condenada e temia a ira do julgamento soberano, em frente do qual se poderia encontrar de um momento para o outro.

O eclesiástico, habituado a todas as misérias humanas, atribuía ao delírio certos pontos que lhe pareciam inexplicáveis – difusos, até – na confissão de Olympe. Havia ali, talvez, um quiproquó, tendo algumas expressões da pobre menina tornado o abade pensativo, duas ou três vezes. Mas sendo o arrependimento, o remorso, o ponto único com que se devia preocupar, pouco importava o *detalhe* da falta; a boa vontade da penitente, a dor sincera eram suficientes. No momento em que, então, ia levantar a mão para a absolver, a porta abriu-se ruidosamente: era Maxime, esplêndido, com um ar feliz e radiante, a mão cheia de alguns escudos e três ou quatro napoleões que fazia agitar e soar triunfalmente. A sua família tinha-se resolvido, por ocasião dos seus exames: era para as inscrições.

Olympe, primeiro sem reparar nesta significativa circunstância atenuante, estendeu, com horror, os braços para ele.

Maxime detivera-se, estupefacto com este quadro.

– Coragem, minha filha!... – murmurou o padre, que acreditou ver, no movimento de Olympe, um adeus definitivo ao objecto de uma alegria culpada e imodesta.

Na realidade, era somente o *crime* desse rapaz que ela repelia; e esse crime era o de não ser «sério».

Mas no momento em que o augusto perdão descia sobre ela, um sorriso celeste iluminou-lhe os traços inocentes; o padre pensou que ela se sentia salva e que obscuras visões seráficas transpareciam para ela nas trevas mortais da última hora. – Olympe, de facto, acabava de ver vagamente as moedas do metal sagrado

reluzirem entre os dedos transfigurados de Maxime. Foi *então*, apenas, que sentiu os efeitos salutares das misericórdias supremas! Rasgou-se um véu. Era o milagre! Por este sinal evidente, via-se perdoada do alto, e redimida.

Deslumbrada, de consciência apaziguada, fechou as pálpebras como que para se recolher antes de abrir as asas até aos azuis infinitos. Depois, os lábios entreabriram-se e o seu último suspiro exalou-se, como o perfume de um lírio, murmurando estas palavras de esperança:

– Ele pagou!⁵

⁵ No original: «*Il a éclairé!*». *Éclairer*, iluminar, comporta no calão francês o sentido de «pagar», pelo que a frase significa simultaneamente: «Ele pagou!» e «Ele iluminou!» [N. T.]

VÉRA

À Sra. condessa de Osmoy.

«A forma do corpo é-lhe mais essencial
do que a sua substância.»

A Fisiologia Moderna

O Amor é mais forte do que a Morte, disse Salomão: sim, o seu misterioso poder é ilimitado.

Foi ao cair de uma noite de Outono, nestes últimos anos, em Paris. Em direcção ao sombrio bairro Saint-Germain, rolavam viaturas já iluminadas, atrasadas, depois da hora do Bois. Uma delas parou diante da portada de uma vasta mansão senhorial, rodeada de jardins seculares; o arco da abóbada era encimado por um brasão de pedra, com as armas da antiga família dos condes de Athol, a saber: *azul, com estrela de prata em abismo*, com a divisa «PALLIDA VICTRIX» sob a coroa principesca com barrete de arminho. Os pesados batentes afastaram-se. Um homem de trinta e cinco anos, de luto, de rosto mortalmente pálido, desceu. No patamar, criados taciturnos erguiam archotes. Sem os ver, transpôs os degraus e entrou. Era o conde de Athol.

Cambaleante, subiu as escadas brancas que conduziam ao quarto onde, nessa mesma manhã, deitara, num caixão de veludo e envolvido em violetas, em ondas de cambraia de linho, a sua dama de volúpia, a sua noiva empalidecida, Véra, o seu desespero.

Lá em cima, a porta suave rodou sobre o tapete; o conde levantou o pano de armar.

Todos os objectos estavam no lugar em que a condessa os deixara na véspera. A Morte, súbita, fulminara. A noite passada, a sua bem-amada desvanecera-se em tão profundas alegrias, perdera-se em tão requintados estreitamentos, que o seu coração, despedaçado por delícias, desfalecera: os seus lábios tinham-se bruscamente molhado de um púrpura mortal. Teve apenas tempo de dar ao seu esposo um beijo de adeus, sorrindo, sem uma palavra: depois, os seus longos cílios, como véus de luto, baixaram-se sobre a bela noite dos seus olhos.

O dia sem nome tinha passado.

Por volta do meio-dia, o conde de Athol, depois da horrível cerimónia do jazigo familiar, no cemitério, despedira a negra escolta. Em seguida, fechando-se sozinho com a sepultada, entre as quatro paredes de mármore, puxara para si a porta de ferro do mausoléu. — Sobre um tripé, diante do caixão, ardia incenso; uma coroa luminosa de lamparinas, à cabeceira da jovem defunta, estrelava-a.

Ele, de pé, pensativo, apenas com o sentimento de uma ternura sem esperança, permanecera ali o dia todo. Às seis horas, ao crepúsculo, saíra do local sagrado. Voltando a fechar o sepulcro, tirara da fechadura a chave de prata e, elevando-se no último degrau da soleira, lançara-a suavemente para o interior do túmulo. Lançara-a sobre as lajes interiores pelo trifólio que encimava o portal. — Porquê isto?... Seguramente em consequência de alguma resolução misteriosa de não regressar.

Agora revia o quarto viúvo.

A janela, sob os vastos cortinados de cachemira malva brocada a ouro, estava aberta: um último raio do fim da tarde iluminava, numa moldura de madeira antiga, o grande retrato da falecida. O conde viu, em seu redor, o vestido lançado, na véspera,

sobre uma poltrona; na lareira, as jóias, o colar de pérolas, o leque meio fechado, os pesados frascos dos perfumes que *Ela* já não respiraria. Sobre a cama de ébano de colunas torcidas, que continuava desfeita, junto à almofada no meio de cujas rendas o lugar da cabeça adorada e divina ainda era visível, viu o lenço avermelhado de sangue onde a sua jovem alma perdera as forças por um instante; o piano aberto, suportando uma melodia para sempre inacabada; as flores indianas colhidas por ela, na estufa, e que morriam em velhas jarras de Saxe; e, ao pé da cama, sobre uma pele preta, as pequenas chinelas de veludo oriental, sobre as quais brilhava uma divisa risonha de Véra, bordada com pérolas: *Amará Véra quem a vir*. Os pés nus da bem-amada brincavam neles ontem de manhã, beijados, a cada passo, pela penugem dos cisnes! — E ali, ali, na sombra, o relógio de pêndulo cuja mola ele quebrara para que não mais soassem outras horas.

Assim tinha ela partido!... Para *onde*, então?... Viver, agora? — Para quê?... Era impossível, absurdo.

E o conde abismava-se em pensamentos desconhecidos.

Pensava em toda a existência passada. — Seis meses findaram desde esse casamento. Não fora no estrangeiro, no baile de uma embaixada, que a vira pela primeira vez?... Sim. Esse instante ressuscitava diante dos seus olhos, muito nítido. Ela aparecia-lhe ali, radiosa. Nessa noite, os seus olhares tinham-se encontrado. Tinham-se reconhecido, intimamente, de natureza semelhante, e devendo amar-se para sempre.

Os falatórios decepcionantes, os sorrisos que observam, as insinuações, todas as dificuldades que o mundo suscita para retardar a inevitável felicidade daqueles que se pertencem tinham-se desvanecido diante da tranquila segurança que depositaram, nesse mesmo instante, um no outro.

Véra, cansada dos cerimoniais cumprimentos insípidos do seu círculo, fora ter com ele desde a primeira circunstância

aborrecida, simplificando assim, de forma augusta, as diligências banais em que se perde o tempo precioso da vida.

Oh! Como, às primeiras palavras, as vãs apreciações dos indiferentes a seu respeito lhes pareceram uma revoada de pássaros nocturnos reentrando nas trevas! Que sorriso trocaram! Que infável amplexo!

No entanto, as suas naturezas eram das mais estranhas, na verdade! — Eram dois seres dotados de sentidos maravilhosos, mas exclusivamente terrestres. As sensações prolongavam-se neles com uma intensidade inquietante. Esqueciam-se de si próprios, à força de as sentir. Em contrapartida, certas ideias, as de alma, por exemplo, de Infinito, do *próprio Deus*, estavam como que veladas ao seu entendimento. A fé de um grande número de vivos nas coisas sobrenaturais não era para eles senão um motivo de vagas admirações: carta régia com que não se preocupavam, não tendo qualidade para condenar ou justificar. — Do mesmo modo, reconhecendo realmente que o mundo lhes era estranho, tinham-se isolado, mal se uniram, nesse velho e escuro palacete, onde a espessura dos jardins amortecia os ruídos do exterior.

Aí, os dois amantes sepultaram-se no oceano dessas alegrias lânguidas e perversas em que o espírito se mistura com a carne misteriosa! Esgotaram a violência dos desejos, os tremores e as ternuras desvairadas. Tornaram-se a pulsação do ser um do outro. Neles, o espírito penetrava de tal modo o corpo que as suas formas lhes pareciam intelectuais, e os beijos, malhas ardentes, encadeavam-nos numa fusão ideal. Longa maravilha! De repente, o encanto rompia-se; o terrível acidente desunia-os; os seus braços tinham-se desenlaçado. Que sombra apanhara a sua querida morta? Morta! Não. Será que a alma dos violoncelos é levada no grito de uma corda que se parte?

As horas passaram.

Pela janela, olhava para a noite que avançava nos céus: e a Noite surgia-lhe *peçoal*; parecia-lhe uma rainha em marcha, com melancolia, no exílio, e o colchete de diamante da sua túnica de luto, Vénus, só, brilhava por cima das árvores, perdida no fundo do azul.

– É Véra – pensou ele.

Com este nome, pronunciado muito baixo, estremeceu como um homem que desperta; depois, endireitando-se, olhou à sua volta.

Os objectos, no quarto, estavam agora iluminados por uma luz até então imprecisa, a de uma lamparina, azulando as trevas, e que a noite, fixada no firmamento, fazia aparecer aqui como uma outra estrela. Era a lamparina de um iconóstase, com perfumes de incenso, relicário familiar de Véra. O tríptico, de uma velha madeira preciosa, estava suspenso, pela sua espartaria russa, entre o espelho e o quadro. Um reflexo dos ouros do interior caía, vacilante, sobre o colar, entre as jóias da lareira.

O nimbo da Madona em hábitos celestiais brilhava, cujos finos e vermelhos lineamentos da rosácea da cruz bizantina, fundidos no reflexo, sombreavam de um laivo de sangue o oriente das pérolas, assim iluminado. Desde a infância, Véra compadecia-se, com os seus grandes olhos, do rosto maternal e tão puro da hereditária madona, e, por natureza, ai! não lhe podendo consagrar senão um amor *supersticioso*, oferecia-lho às vezes, ingénuamente, quando passava diante da lamparina.

O conde, a esta visão, tocado por recordações dolorosas até ao mais íntimo da alma, endireitou-se, soprou depressa para a luz santa e, às apalpadelas, na sombra, estendendo a mão para um cordão, fez soar uma campainha.

Apareceu um criado: era um velhote vestido de preto; seguira uma candeia, que pousou diante do retrato da condessa. Quando se virou, foi com um arrepio de terror supersticioso

que viu o seu senhor de pé e sorrindo como se nada se houvesse passado.

– Raymond – disse tranquilamente o conde –, *esta noite, estamos prostrados de cansaço, a condessa e eu*; servirás a ceia por volta das dez. A propósito, resolvemos isolar-nos mais aqui, a partir de amanhã. Nenhum dos meus criados, salvo tu, deve passar a noite na mansão. Vais entregar-lhes os honorários de três anos, e eles que se retirem. Depois, fecha a barra do portal; acendes os castiçais lá em baixo, na sala de jantar; ser-nos-ás suficiente. Não receberemos ninguém, no futuro.

O velhote tremia e olhava-o atentamente.

O conde acendeu um charuto e desceu aos jardins.

O criado pensou em primeiro lugar que a dor demasiado pesada, demasiado desesperada, tinha alucinado o espírito do seu senhor. Conhecia-o desde a infância; compreendeu, imediatamente, que o choque de um despertar demasiado súbito podia ser fatal para este sonâmbulo. O seu dever, antes de mais, era o respeito por um tal segredo.

Baixou a cabeça. Uma cumplicidade devotada àquele sonho religioso? Obedecer?... Continuar a servi-los sem ter em conta a Morte? – Que ideia estranha!... Resistiria ela uma noite?... Amanhã, amanhã, ai!... Ah! Quem saberia?... Talvez!... Projecto sagrado, afinal! – Com que direito é que ele reflectia?...

Saiu do quarto, executou as ordens à letra e, nessa mesma noite, a insólita existência começou.

Tratava-se de criar uma miragem terrível.

O embaraço dos primeiros dias depressa desapareceu. Raymond, primeiro com estupor, depois com uma espécie de deferência e ternura, empenhara-se tão bem em ser natural que não tinham passado três semanas já ele se sentia, por momentos, quase iludido pela sua boa vontade. As reservas desvaneciam-se! Por vezes, experimentando uma espécie de vertigem, teve

necessidade de se dizer que a condessa estava positivamente defunta. Agarrava-se àquele jogo fúnebre e a cada instante esquecia-se da realidade. Em breve, precisou de mais do que uma reflexão para se convencer e tornar a cair em si. Viu bem que acabaria por se abandonar completamente ao magnetismo assustador com que o conde penetrava a pouco e pouco a atmosfera em redor deles. Tinha medo, um medo indeciso, suave.

De Athol, de facto, vivia absolutamente na inconsciência da morte da sua bem-amada! Não conseguia senão vê-la sempre presente, a tal ponto a forma da jovem estava misturada com a sua. Ora, num banco de jardim, nos dias de sol, lia em voz alta as poesias que ela amava; ora, à noite, junto ao fogo, as duas chávenas de chá numa mesinha, falava com a Ilusão sorridente, sentada, à frente dos seus olhos, no outro cadeirão.

Os dias, as noites, as semanas voaram. Nem um nem outro sabiam o que estavam a fazer. Passavam-se agora fenómenos singulares, tornando-se difícil distinguir o ponto em que o imaginário e o real eram idênticos. Uma presença flutuava no ar: uma forma esforçava-se por transparecer, por se urdir no espaço tornado indefinível.

De Athol vivia em duplicado, como um iluminado. Um rosto suave e pálido, entrevisto como um relâmpago, entre dois piscares de olhos; um acorde frágil tocado ao piano, de repente; um beijo que lhe fechava a boca no momento em que ia falar, afinidades de pensamentos femininos que despertavam nele em resposta ao que dizia, um tal desdobramento de si próprio que sentia, como um nevoeiro fluido, o perfume vertiginosamente doce da sua bem-amada ao pé de si, e, à noite, entre o serão e o sono, palavras ouvidas muito baixo: tudo o advertia. Era uma negação da Morte finalmente elevada a uma potência desconhecida!

Uma vez, de Athol sentiu-a e viu-a tão bem ao pé de si que a tomou nos braços: mas esse movimento dissipou-a.

– Criança! – murmurou ele, sorrindo.

E readormeceu como um amante amuado com a sua amante trocista e ensonada.

No dia da festa do *seu* santo padroeiro, colocou, por graça, uma perpétua no ramo que deitou na almofada de Véra.

– Já que ela se crê morta – disse ele.

Graças à profunda e onnipotente vontade do Sr. de Athol, que, graças ao amor, forjava a vida e a presença da sua mulher na mansão solitária, essa existência acabara por se tornar de um encanto sombrio e persuasivo. O próprio Raymond já não sentia qualquer terror, tendo-se gradualmente habituado a essas impressões.

Um vestido de veludo negro avistado no desvio de uma álea; uma voz risonha que o chamava no salão; um toque de campainha, de manhã, ao seu despertar, como antigamente; tudo isto se lhe tornara familiar: dir-se-ia que a morta jogava às escondidas, como uma criança. Sentia-se de tal modo amada! Era bastante *natural*.

Passara-se um ano.

Na noite do Aniversário, o conde, sentado junto ao fogo, no quarto de Véra, acabava de *lhe* ler um *fabliau* florentino: *Calímaco*. Fechou o livro; depois, servindo-se de chá:

– *Douschka*¹ – disse –, recordas-te do Vale das Rosas, das margens do Lahn, do castelo das Quatro-Torres?... Esta história fez-tos lembrar, não fez?

Levantou-se e, no espelho azulado, viu-se mais pálido do que o costume. Tirou uma pulseira de pérolas de uma taça e olhou atentamente para as pérolas. Véra não as tirara dos braços, há pouco, antes de se despir? As pérolas ainda estavam quentes e o seu oriente mais polido, como que pelo calor da sua carne.

1 Querida (Rus.) [N. T.]

E a opala daquele colar siberiano, que também amava o belo seio de Véra até empalidecer doentiamente no seu engradado de ouro, quando a jovem o esquecia durante algum tempo! Antigamente, por causa disso, a condessa amava aquela pedra fiel!... Tornando a pousar o colar e a pedra preciosa, o conde tocou por acaso no lenço de cambraia de linho cujas gotas de sangue estavam húmidas e vermelhas como cravos na neve!... Aí, sobre o piano, quem então virara a página final da melodia de antigamente? O quê! A lamparina sagrada reacendera-se, no relicário! Sim, a sua chama dourada iluminava misticamente o rosto, de olhos fechados, da Madona! E aquelas flores orientais, recentemente colhidas, que desabrochavam ali, nas velhas jarras de Saxe, que mão acabava de as colocar lá? O quarto parecia alegre e dotado de vida, de uma forma mais significativa e mais intensa do que era hábito. Mas nada podia surpreender o conde! Aquilo parecia-lhe de tal modo normal que nem sequer reparou que a hora soava naquele pêndulo parado há um ano.

Nessa noite, no entanto, dir-se-ia que, do fundo das trevas, a condessa Véra se esforçava adoravelmente por regressar àquele quarto completamente perfumado por si! Deixara nele tanto da sua pessoa! Tudo o que constituíra a sua existência atraía-a para aquele sítio. O seu encanto flutuava ali; as longas violências feitas pela vontade apaixonada do seu esposo, ali, deviam ter desapertado os vagos nós do invisível em torno de si!...

Ali era *necessitada*. Tudo o que amava estava ali.

Devia ter vontade de vir sorrir-se outra vez naquele espelho misterioso onde tantas vezes admirara o seu rosto lilial! A doce morta, naquele lugar, certamente estremecera, nas suas violetas, sob as candeias apagadas; a divina morta tremera, no jazigo, completamente só, olhando para a chave de prata lançada para as lajes. Queria regressar para ele, também! E a sua vontade perdia-se na ideia do incenso e do isolamento. A Morte só é uma

circunstância definitiva para os que esperam céus; mas a Morte, e os Céus, e a Vida, para ela, não era isso o amplexo deles? E o beijo solitário do seu esposo atraía os seus lábios, na sombra. E o som passado das melodias, as palavras inebriadas de outrora, os tecidos que lhe cobriam o corpo e lhe conservavam o perfume, aquelas pedrarias mágicas que a *queriam*, na sua obscura simpatia – e sobretudo a imensa e absoluta impressão da sua presença, opinião partilhada, por fim, pelas próprias coisas –, tudo a chamava para ali, a atraía para ali desde há tanto tempo, e tão insensivelmente que, finalmente curada da Morte dormente, já só *Ela* faltava!

Ah! As Ideias são seres vivos!... O conde escavara no ar a forma do seu amor, e era completamente preciso que aquele vazio fosse preenchido pelo único ser que lhe era homogêneo, caso contrário o Universo desmoronar-se-ia. Atravessou-o a impressão, naquele momento, definitiva, simples, absoluta de que *Ela devia estar ali, no quarto!* Estava tão tranquilamente certo disso como da sua própria existência, e todas as coisas, em seu redor, estavam saturadas por essa convicção. Dava para a ver ali! E, *como só faltava a própria Véra*, tangível, exterior, *foi completamente preciso que ela se encontrasse ali* e que o grande Sonho da Vida e da Morte entreabrisse por um momento as suas portas infinitas! O caminho da ressurreição fora enviado pela fé até ela! Uma fresca gargalhada musical iluminou com a sua alegria o leito nupcial; o conde virou-se. Ali, diante dos seus olhos, feita de vontade e de recordação, fluida, com os cotovelos apoiados na almofada de renda, a sua mão sustentando-lhe os pesados cabelos negros, a boca deliciosamente entreaberta num sorriso completamente paradisíaco de volúpias, bela de morrer, enfim, a condessa Véra olhava para ele ainda um pouco adormecida.

– Roger!... – disse ela, com uma voz longínqua.

Ele veio para ao pé dela. Os seus lábios uniram-se numa alegria divina – esquecida – imortal!

Aperceberam-se, *então*, de que eram realmente apenas *um só ser*.

As horas afloraram num voo estranho aquele êxtase em que se misturavam, pela primeira vez, a terra e o céu.

De repente, o conde de Athol estremeceu, como que atingido por uma reminiscência fatal.

– Ah! Agora, lembro-me!... – disse. – Mas que tenho? Estás morta!

No mesmo instante, a esta palavra, a mística lamparina do iconóstase apagou-se. A pálida aurora da manhã – de uma manhã brutal, acinzentada e chuvosa – infiltrou-se no quarto através dos interstícios dos cortinados. As velas empalideceram e apagaram-se, deixando a fumegar acremente as suas mechas vermelhas; o fogo desapareceu sob uma cama de cinzas tépidas; as flores murcharam e secaram em alguns segundos; o balanceteiro do relógio de pêndulo recuperou gradualmente a imobilidade. A *certeza* de todos os objectos desvaneceu-se subitamente. A opala, morta, já não brilhava; as manchas de sangue também tinham murchado, na cambraia de linho, ao pé dela; e apagando-se entre os braços desesperados que queriam em vão estreitá-la outra vez, a visão ardente e branca regressou ao ar e nele se perdeu. Um débil suspiro de adeus, distinto, longínquo, alcançou a alma de Roger. O conde endireitou-se; acabava de se aperceber de que estava só. O seu sonho acabava de se dissolver de uma só vez; ele quebrara o fio magnético da sua trama radiosa com uma só palavra. A atmosfera era, agora, a dos defuntos.

Como aquelas lágrimas de vidro, illogicamente agregadas, e, no entanto, tão sólidas, que um golpe de macete não quebraria, mas que ficam uma súbita e impalpável poeira, se se lhes partir a extremidade mais fina do que a ponta de uma agulha, tudo se desvanecera.

— Oh! — murmurou. — Então, acabou! Perdida!... Completamente só! Qual é a estrada, agora, para chegar a ti? Indica-me o caminho que me pode conduzir a ti!...

Subitamente, como uma resposta, um objecto brilhante caiu do leito nupcial, sobre a pele negra, com um ruído metálico: um raio do horrível dia terrestre iluminou-o!... O abandonado baixou-se, pegou-lhe, e um sorriso sublime iluminou-lhe o rosto reconhecendo aquele objecto: era a chave do túmulo.

Floresce a era do progresso científico, do positivismo e do materialismo. Os escritores observam, relatam, criticam, sonham. Uns descrevem o real, outros dedicam-se ao culto da Arte pela Arte, outros ainda, dotados de furor pessimista, encarniçam-se contra a sociedade burguesa e a sua falsa moral. Villiers de L'Isle-Adam, contemporâneo de Charles Baudelaire e de Edgar Allan Poe, é um dos seus mais acérrimos críticos, denunciando o vazio de ideias e o conformismo em seu redor. Escreve pequenas obras-primas, ferozes e eruditas, que enaltecem o Ideal, o Sonho, o Espírito. São contos fantásticos, contos de amor, narrativas históricas, textos satíricos, acolhidos com admiração pelos seus pares, todos eles gizados numa prosa carregada de ironia, revelando a face mais hedionda da natureza humana e do mundo moderno.

Pela primeira vez traduzida na íntegra para língua portuguesa, *Contos Cruéis* (1883), de Villiers de L'Isle-Adam, uma das figuras mais originais das letras francesas da segunda metade do século XIX, é uma obra de difícil classificação que exerceu uma profunda influência na literatura fantástica do século XX.

«Esta obra possui uma quantidade extraordinária de Beleza.
Por toda a parte, a linguagem de um deus! Há contos de
uma poesia inaudita, todos são espantosos.»

Stéphane Mallarmé

«Ninguém foi capaz de aliar o humor à crueldade como Villiers...
O seu talento é um murro fulgurante no cérebro.»

Joris-Karl Huysmans



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789895642861



9 789895 642861 >